

NA “PISTA” DAS CONTROVÉRSIAS: O QUE BRUNO LATOUR TEM A NOS DIZER SOBRE STOCK CAR E ÁRVORES?

IN THE “LANE” OF CONTROVERSIES: WHAT DOES BRUNO LATOUR CAN TELL US ABOUT STOCK CARS AND TREES?

Lorena Andrade Costa **1**
Geisiele Rita de Oliveira **2**
Mariana Dias Duarte Borchio **3**

Resumo: O presente artigo analisa as controvérsias em torno da realização da prova de Stock Car em Belo Horizonte, com foco na supressão de árvores para viabilizar o evento. A pesquisa envolveu a coleta de textos jornalísticos, em fontes digitais, com o objetivo de mapear tais controvérsias. A Prefeitura de Belo Horizonte foi criticada pela ação, que gerou protestos e debates públicos sobre os impactos ambientais e sociais da realização da prova automobilística na cidade. A formação e a dissolução de grupos ao longo do processo revelaram a dinâmica das interações e visões divergentes. A Teoria Ator-Rede e a Cartografia das Controvérsias foram utilizadas como referencial teórico-metodológico para mapear os atores humanos e não humanos envolvidos nas disputas.

Palavras Chave: Controvérsias. Stock car. Teoria Ator-Rede

Abstract: This article analyzes the controversies surrounding the holding of the Stock Car race in Belo Horizonte, focusing on the removal of trees to make the event viable. The research involved the collection of journalistic texts, from digital sources, with the aim of mapping such controversies. Belo Horizonte City Hall was criticized for the action, which generated protests and public debates about the environmental and social impacts of holding the car race in the city. The formation and dissolution of groups throughout the process revealed the dynamics of interactions and divergent views. The Actor-Network Theory and Controversy Cartography were used as a theoretical-methodological framework to map the human and non-human actors involved in the disputes.

Keywords: Actor-Network Theory. Controversies. Stock car

- 1** Doutoranda e Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduada em Geografia (UNI-BH) e Pedagogia (UnicV). É Professora na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME-BH) e membro dos Grupos de Pesquisa: Cogitamus: Educação e Humanidades Científicas (UFMG) e Mediação das Tecnologias Digitais nos Espaços Educacionais e no Desenvolvimento Profissional de Professores (UFMG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3765673787420487>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4577-6684>. E-mail: logeografia@gmail.com
- 2** Doutoranda em Educação em Ciências pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Educação Tecnológica no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-MG). Graduada em Ciências Biológicas (UEMG). É consultora de formação de professores e pesquisadora do observatório de Inteligência artificial na educação básica do transformative Learning Technologies lab da Columbia University. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1643713345386581>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0617-5894>. E-mail: geisielirita@gmail.com
- 3** Mestre em Educação e Docência pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Graduada em Psicologia (PUC/MG), Artes Plásticas (UEMG) e Pedagogia (FACON). Atua como especialista em Educação Básica na rede estadual de educação do estado de Minas Gerais e psicóloga clínica. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0280455212664856>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0615-6544>. E-mail: mariana.borchio@gmail.com

Introdução

Este artigo se desenvolve a partir de análises das disputas emergentes dos desacordos entre os atores envolvidos no processo de viabilização da prova de *Stock Car*, maior competição de automobilismo do Brasil, a ser realizada na cidade de Belo Horizonte, por cinco anos consecutivos, a partir do mês de agosto do ano de 2024.

Segundo a Prefeitura de Belo Horizonte, a etapa da capital mineira será realizada no modelo 'Circuito de Rua', e a estrutura será montada ao redor do Estádio Governador Magalhães Pinto - Mineirão, reforçando também a imagem da Pampulha como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco (PBH, 2023).

A arena em que se desenrola os dissensos teve um ápice no dia 28 de fevereiro de 2024, quando a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte iniciou a supressão de dezenas de árvores no entorno do estádio, e, por conseguinte, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Em nota à comunidade, por meio da rede social Instagram, a Reitora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Sandra Almeida, repudiou a ação da prefeitura em razão dos amplos e significativos impactos que o evento terá na Universidade, não só nas áreas sensíveis da Universidade como a área do Hospital Veterinário, os biotérios de criação de animais e a Estação Ecológica, mas também terá implicações diretas no funcionamento acadêmico da instituição, incluindo aulas, projetos de pesquisa e programas de extensão comunitária (UFMG, 2024).

Destarte, a realização desse evento tornou-se uma disputa envolvendo atores diversos, como cidadãos leigos, pesquisadores, políticos, empresários, animais, recursos naturais, grupos populares, ONG's, empresas, instituições públicas, uma questão que gerou grande debate na última semana de fevereiro, na cidade de Belo Horizonte, por ser esse evento altamente incerto, discutido e controverso.

Não obstante, os debates sobre sua realização estão quentes e podem ser encontrados, por exemplo, em notícias de jornais, em programas exibidos em canais de televisão, em documentos oficiais dos governos municipais, estaduais e federal, e em comunicados das empresas *Speed Seven* e *DM Corporate*, organizadoras do evento, e da UFMG, tudo isso disponibilizado em páginas na Internet.

Além disso, a controvérsia é atual, e até o momento em que escrevemos esse artigo não foi definida uma decisão sobre sua implantação. Ademais, a disputa sobre a realização da corrida possui todos os elementos de uma controvérsia técnico-científica bem definida, como afirmou Latour (2014), estão presentes ativistas, que produzem e dão visibilidade à questão, colocando-a sobre seus próprios ombros e levando-a ao conhecimento de muitos outros; encontramos a habitual disputa entre a lucratividade, a viabilidade e o direito de animais silvestres, dos animais retidos nos biotérios e hospital veterinário; temos uma organização política de vereadores e deputados, pressionados para tomar uma decisão, às vezes tentando evitar a legalidade, às vezes tentando respeitá-la.

Diante da heterogeneidade dos participantes da disputa, fez-se necessário reunir ferramentas teóricas e analíticas que compartilhassem da perspectiva da ecologia política, tal como apresentada por Latour (2004). Dito isso, este estudo tem por objetivo analisar esse empreendimento controverso, do ponto de vista técnico-científico, identificar atores, humanos e não humanos, e seguir as associações e dissociações que resultam na formação e transformação de grupos, apresentando os resultados de forma graficamente compreensível.

O conjunto de ferramentas concebido para essa pesquisa foi, portanto, fortemente fundamentado pela Teoria do Ator-Rede (ANT), cujo autor com obra mais expressiva na atualidade é Bruno Latour, e que tem como um de seus princípios fundamentais a simetria generalizada, que inclui humanos e não humanos na análise sociológica. A ANT foi aliada à noção de políticas ontológicas (Mol, 2008; Law, 2011), com grande contribuição do conjunto de ferramentas fornecidos pela Cartografia de Controvérsias (Venturini, 2010), e aportes da noção de cosmos e da proposta cosmopolítica de Stengers (2005).

Os resultados possibilitam propor uma democracia participativa onde os cidadãos tenham crescente poder de questionar o raciocínio técnico dos governos, sempre que possuam dispositivos e procedimentos para se informar, desnaturalizar a ideia de que por trás de todas as controvérsias deve existir uma realidade objetiva independente do que os atores imaginam, dizem ou fazem, e

da qual todos cujas práticas estejam envolvidas de múltiplas maneiras com controvérsias técnico-científicas devam participar ativamente, sejam eles cidadãos ou pesquisadores.

Pretendemos também sugerir que não há lógica universal nem instituições absolutamente abrangentes capazes de abarcar os diferentes mundos, e que, se as realidades são feitas local, contingentemente e com espaço para hesitações, assim também deve ser construído, muito lentamente, o mundo comum.

Nesse sentido, este artigo, de caráter qualitativo, teve por objetivo analisar as controvérsias em torno do processo de viabilização da prova de *Stock Cara* ser realizada na cidade de Belo Horizonte, no mês de agosto do ano de 2024, a partir de reportagens recolhidas em sites institucionais, sites jornalísticos e blogs de ativistas relacionados ao tema, durante o período de fevereiro de 2024.

Como referencial teórico-metodológico, utilizamos a Teoria Ator-Rede (Latour, 2012) e a Cartografia da Controvérsias (Venturini, 2010).

Contribuições de Bruno Latour para a construção de mundos comuns

Bruno Latour foi um antropólogo e filósofo francês (1947-2022) reconhecido por suas análises sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade. Com a elaboração do conceito de “antropologia simétrica”, o autor visou equiparar metodologicamente estudos etnográficos realizados em sociedades consideradas tradicionais com aqueles feitos em ambientes científicos, como laboratórios. Nesta proposição estabeleceu-se que ações de humanos e não humanos são simétricas na construção de mundos (Marini, Bailã, 2023).

Latour também escreveu sobre questões contemporâneas, como o Antropoceno, mudanças climáticas e a interação entre fatores não humanos e atividades humanas. Com a discussão sobre a “hipótese de Gaia”, de Lovelock e Margulis, explorou como o planeta e seus habitantes estão cada vez mais envolvidos em questões políticas e ecológicas (Marini, Bailã, 2023).

O legado teórico de Bruno Latour tem contribuído para refletir sobre as questões políticas, econômicas e ecológicas, como o “novo regime climático”, que envolvem o antropoceno (Latour, 2020). Sua obra oferece contribuições significativas para o estudo de controvérsias ecológicas e políticas, especialmente através da sua abordagem da Teoria Ator-Rede (Latour, 2012) e sua crítica à separação entre natureza e sociedade (Latour, 2019).

Em seu último livro, Latour (2021) trata da inegável dependência dos humanos e demais animais heterótrofos de uma gama de terrestres que sustentam a sua existência. O autor destaca que a tessitura da Terra se dá por meio de concatenações das quais os terrestres autotróficos também participam por meio dos resíduos do seu metabolismo.

Por isso, não existe para os terrestres o direito a fronteiras ou individualidades, sendo essa rede e seus encadeamentos a fonte da crise do humano “moderno” (Latour, 2019), associada à constatação de que as suas ferramentas jurídicas e intelectuais só seriam aplicáveis num mundo em que as coisas estariam separadas em campos ontológicos distintos, que nunca existiu.

O autor evidenciou, durante a pandemia de COVID-19, a impossibilidade de fuga das consequências das ações humanas na Terra e como todas as soluções tecnológicas imaginárias que envolvem novos mundos habitáveis anestesiaram as ações e enfraquecem os vínculos de cooperação para a vida no mundo em que vivemos (Latour, 2021).

Nessa obra, o autor destaca a importância de descrição dos territórios através de um movimento de dentro para fora, mantendo a atenção nas necessidades de engendramento, com apropriações das condições de habitabilidade e as contribuições daqueles que compõem a rede dos terrestres que estão, mesmo que à distância, em um mundo comum.

A noção de mundo comum nos apresenta o emaranhado das agências, o transbordamento de uns sobre os outros e suas condições etológicas. Além disso, se faz necessário o descongelamento da paisagem por meio da constatação simples de que nós humanos não nos deparamos com “coisas inertes” que “compõem o mundo material” (Latour, 2021, p. 72). Nas palavras do autor,

“Ao descrevermos nossas interdependências aos outros e por meio dos outros, o solo parece nos erguer pelos pés, e nos girar de ponta-cabeça. O território não é mais aquilo que

ocupamos, mas aquilo que nos define” (Latour, 2021, p. 72).

De “sujeito” que contemplava uma paisagem à participante, ela se torna o vetor de uma decisão a ser tomada em meio a ascendentes e descendentes. É nessa interseção, nesse caldeirão, que a metamorfose será avaliada por sua capacidade de decidir sobre a fecundidade ou a esterilidade das formas de vida junto às quais seu destino está, de agora em diante, misturado (Latour, 2012, p. 76).

Para se situar, esse “sujeito” se torna cada vez mais específico e particular justamente à medida que aumenta a lista das coisas das quais depende e que dependem dele e, diferentemente do indivíduo, expande sua margem de ação nesse mundo comum, entendendo que sua ação não é isolada, mas, sim, compartilhada com as agências dos demais actantes, que também manipulam seu entorno de acordo com seus interesses.

Destarte, refuta-se a ideia de que perspectivas diferentes constroem versões de uma realidade que seria, em sua essência, singular, e não conta com a possibilidade de que haveria construções alternativas de um mundo objetivo. Mundos múltiplos, construídos por diferentes práticas, coexistem no presente (Mol, 2008). Considerar que a realidade possui um caráter feito em oposição a um caráter estável e bem determinado acarreta grandes consequências sobre o que vem a ser a realidade.

Para efeitos de nossa argumentação, o conceito de cosmos aqui se remete ao uso atribuído por Stengers (2005) em sua proposição cosmopolítica, onde cosmos “se refere ao desconhecido, constituído por múltiplos mundos divergentes, e às articulações que eles poderiam, eventualmente, ser capazes, em oposição à tentativa de uma paz que pretende ser definitiva e ecumênica” (Stengers, 2005, p. 995).

Nessa perspectiva, de acordo com Latour (2004), a ciência não é suficiente para assegurar a paz. Mais do que isso, torna a paz impossível, por colocar no início aquilo que deveria vir por último: a definição de um cosmos único. Por isso, as guerras entre mundos nunca divergem sobre opiniões (Latour, 1994). As divergências são sobre as coisas, sobre o mundo em que vivemos. É muito provável que, quando adversários passam a “concordar com opiniões”, estão, na verdade, começando a habitar um cosmos diferente, povoado por outras entidades que, definitivamente, têm política (Latour, 2004).

O mundo não pode mais ser assumido como dado a priori, estabelecido de maneira independente, muito bem definido, singular ou único e, muito menos, coerente. A não ser, é claro, que a realidade seja feita dessa maneira (Mol, 2008). Há que se lembrar, entretanto, que esse mundo, dito singular, seria apenas uma versão de muitos outros que, com efeito, existem.

Se vivemos em um mundo múltiplo, composto de realidades diferentes em termos históricos, culturais e materiais, não pode haver lógica universal nem instituições suficientemente abrangentes para abarcar todos esses mundos (Law, 2011). A mera tentativa de se estabelecer uma lógica ou política universal resulta necessariamente na negação de grande parte do que existe.

Nesse sentido, é importante arremeter o conceito de “política ontológica” (Mol, 2008; Law, 2011), que estabelece que a realidade é feita em práticas e performances. A implicação metodológica desse conceito é que, para aqueles que querem pesquisar as realidades, as práticas devem ser objeto de investigação.

Contudo essa implicação metodológica não significa que nunca poderemos alinhar nossas visões ou habitar um planeta pacífico, nem que não iremos concordar com uma verdade. Um mundo comum é possível, mas não como algo que venhamos a reconhecer, como se sempre estivesse aqui (e ainda não tivéssemos notado). Um mundo comum, se é que haverá um, é algo que devemos construir, com unhas e dentes, juntos” (Latour, 2004, p. 455).

Entretanto, é necessário que se reconheça que as coisas agem, fazem agir e têm uma voz política, que por vezes é silenciada por ritos para que a paz seja construída (Latour, 2004). Há uma mistura de atores, entidades e vozes impossível de se lidar somente com a política (Stengers, 2005; Latour, 2004).

Por isso, propostas políticas para a construção da paz são inseparáveis de propostas que, como a cosmopolítica, politizem questões relacionadas com o conhecimento ou de práticas que abranjam coisas – propostas que possam compartilhar a perspectiva renovada da ecologia política

apresentada por Latour. Diferentemente dos cosmopolitas que “sonham com o dia em que todos os cidadãos do mundo venham a reconhecer que todos habitam o mesmo mundo”, a proposta cosmopolítica está envolvida em uma tarefa um pouco mais difícil, que é ver como esse “mesmo mundo” pode ser lentamente construído (Latour, 2004, p. 456).

É possível que, em um futuro distante, alcancemos um mundo comum. Mas comportarmos-nos como se esse mundo comum já estivesse estabelecido e como se não exigisse nenhuma negociação para alcançá-lo é, com certeza, o estopim para mais uma guerra. Para que uma paz genuína seja feita, os adversários não podem abandonar seus cosmos incompatíveis no momento da disputa, mesmo que trazer esses cosmos para um espaço comum seja algo muitíssimo difícil.

A política é uma arte que deve criar maneiras de distribuir papéis na encenação da disputa (Stengers, 2005). O trabalho da cosmopolítica é incluir na política as mais diversas entidades, articulá-las e fazê-las falar. É importante evitar pensar em termos de papéis predefinidos ou estereotipados, já que em ecologia política os papéis devem ser determinados em torno de cada questão. Assim, em todos os coletivos podemos encontrar atores discordando e discutindo (Venturini, 2010). Contudo nem todos serão bons objetos de investigação. Então, como escolher uma boa controvérsia para ser investigada?

A teoria ator-rede e a cartografia das controvérsias

A Teoria Ator-Rede (TAR) surge no campo dos Estudos de Ciência e Tecnologia (STS) e foi desenvolvida por diversos intelectuais como Michel Callon, John Law, Madeleine Akrich, Andy Barry e Annemarie Mol, tendo o filósofo Bruno Latour como representante proeminente (Lemos, 2012).

A TAR amplia o escopo de enfoque da sociologia tradicional, que centraliza apenas nos agentes humanos a capacidade de agência, e considera que os objetos também desempenham um papel significativo exercendo influência por meio de suas próprias intenções e capacidade de afetar e desviar relações (Pereira, Boechat, 2014).

Segundo os pressupostos da TAR não se considera, na investigação social, uma “lei superior”, com suposições prévias, que possam elucidar e guiar todas as interações sociais, mas sugere seguir os rastros deixados pelos agentes envolvidos para a compreensão das redes (Pereira, Boechat, 2014).

Para uma melhor compreensão das relações na rede, é preciso dispor-se a olhar para além das barreiras de categorização ou julgamentos preconcebidos em relação ao contexto em que o conhecimento está inserido. Os autores justificam que, dessa forma, poder-se-ia compreender as “diferenças que aparecem no processo de produção de significados socialmente localizado, também conhecido como controvérsias, e se perguntar como e por que elas surgem e como e por que elas se encerram” (Oliveira; Porto, 2016, p. 67)

Segundo Lemos (2013), as controvérsias representam os pontos onde as contradições se manifestam e se tornam aparentes, podendo emergir novas associações. É na controvérsia que há discordância entre os actantes, quando estes percebem que não podem negar a existência um do outro. Quando os atores conseguem chegar a um consenso para coexistirem, a controvérsia se encerra (Venturini, 2010, p. 263).

Para uma melhor descrição dos rastros deixados pelos actantes, a Cartografia das Controvérsias (CC) apresenta-se com um método de pesquisa da Teoria Ator-Rede que tem por objetivo disponibilizar um conjunto de técnicas para investigar, visualizar questões (Venturini, 2009) e evidenciar as mediações entre os actantes (Lemos, 2013).

A cartografia das controvérsias é uma técnica utilizada para mapear e analisar as disputas e debates que ocorrem em torno de questões científicas, tecnológicas ou sociais. Esse método reconhece que as controvérsias não são simplesmente conflitos entre opiniões individuais, mas, sim, redes complexas de relações entre diferentes atores, incluindo cientistas, políticos, grupos de interesse, tecnologias e outros elementos não humanos.

Para Venturini (2009), as controvérsias estão na vida coletiva mais complicada, onde há uma grande diversidade de actantes envolvidos, onde alianças e oposições estão gritando e brigando e onde os conflitos crescem mais duros (Venturini, 2009, p. 266).

Venturini (2010) alerta que nem todo fenômeno coletivo pode ser observado como uma controvérsia e nem toda controvérsia é um bom objeto de estudo. O autor destaca algumas recomendações importantes para a escolha de uma boa controvérsia. A primeira é escolher “controvérsias quentes”, assuntos que estão a gerar debates, conflitos e discordâncias. As controvérsias são interessantes quando não estão resolvidas, e têm aplicação eficaz para mapear temas públicos, como no caso a realização do *stock car* na cidade de Belo Horizonte.

As controvérsias, ao resistirem à simplificação, revelam uma variedade de fatores que surgem durante os períodos de desestabilização, destacando questões antes não percebidas com a emergência de novas formas de mediação. Lemos (2013) considera as controvérsias como “mundos que entrem em conflitos, como modos de existência em embate antes das estabilizações e da agregação social” (Lemos, 2013, p. 109)

As controvérsias emergem quando ideias, coisas e simplificações que costumavam ser aceitas começam a ser questionadas e discutidas. Para Latour (1990), as controvérsias são a melhor ocasião disponível para se observar a fabricação do mundo e a consequente compreensão de que temos guerras entre mundos, e que o que está em jogo nessas disputas é a construção de cosmos.

De acordo com Latour (2012), as boas controvérsias são sempre “quentes” pois são questões de interesse (Latour, 2005) e, portanto, abrangem a multiplicidade e nelas reúnem várias práticas. As questões de interesse têm que ser gostadas, elas têm que ser cuidadas de qualquer maneira, pois são nós de interesses sócio-políticos que mantêm as coisas juntas em um momento específico no tempo (Oliveira; Coutinho, 2023). Elas são historicamente situadas, infinitamente complicadas e envolventes de maneiras muitas vezes contraditórias.

Essas questões podem ser mapeadas porque seus traços são encontrados em toda parte: nos jornais, na televisão e na internet, por exemplo. A controvérsia torna visível a trama social em sua complexidade e a cartografia assume para si as tarefas de representá-la e analisá-la visualmente.

Diversos pontos de vista devem estar representados: uma declaração ou um argumento partilhado por muitos atores em uma controvérsia merece mais visibilidade do que um relativamente marginal, mas todos devem ter seu lugar. Como encontrar o equilíbrio justo ao representar debates públicos a partir da combinação de grafos, visualizações e narrativas hipertextuais? Este é um dos principais desafios metodológicos da cartografia de controvérsias que apresentamos na próxima seção.

Procedimentos analíticos para mapear controvérsias

Para instrumentalização das controvérsias, Venturini (2010) destaca algumas etapas para orientar a pesquisa. A primeira consiste na identificação dos diferentes atores envolvidos nas controvérsias que pode incluir cientistas, políticos, organizações, objetos técnicos, dispositivos tecnológicos, entre outros.

Na sequência, o autor propõe a cartografia, o mapeamento das relações com a análise das associações entre os atores e como suas interações contribuem para a formação da controvérsia. Isso pode envolver o rastreamento de alianças, coalizões, disputas de poder e outros tipos de relações. Com base nas informações coletadas, os pesquisadores constroem mapas ou diagramas que representam visualmente as redes de controvérsia. Isso ajuda a identificar padrões emergentes, pontos de tensão e possíveis soluções.

E por último, é realizada uma reflexão crítica sobre as relações identificadas e os padrões observados na cartografia das controvérsias. Isso pode envolver a identificação de vieses, assimetrias de poder e implicações éticas ou políticas.

O movimento de composição de dados consistiu no levantamento de textos jornalísticos que contivessem informações sobre a realização da prova da *Stok Car* na cidade de Belo Horizonte. Nesse movimento, manteve-se a intenção de multiplicar as perspectivas pelas quais a controvérsia seria considerada. Para tanto, o levantamento foi executado no maior número e variedade possível de fontes relevantes para a compreensão da controvérsia.

Textos foram recolhidos em sites institucionais, sites jornalísticos e blogs de ativistas, tendo como ponto de partida algumas ações listadas a seguir: Todos os textos jornalísticos que continham

as palavras-chave “Stock Car” e “Árvores”, nos jornais online Hoje em Dia, O Tempo, Estado de Minas, Jornal da Record-R7, SOUBH UAI, BHAZ, Central Brasileira de Notícias (CBN) e nos Portais da Câmara Municipal de Belo Horizonte (CMBH) e Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), durante o período de fevereiro de 2024.

Com o auxílio da busca avançada do *Google*, comunicados à imprensa, relatórios financeiros e outros textos jornalísticos disponibilizados foram recolhidos.

A partir dos textos recolhidos, prosseguimos com a fabricação de um relato capaz de revelar a dinâmica social da disputa sobre a corrida de carros de maneira acurada, articulando uma rede de relações tecida por meio das ações dos atores. O resultado desse movimento foi uma narrativa híbrida, em que humanos e coisas atuaram na mediação de questões da economia, da política, das ciências etc.

Com intencionalidade de melhor observar a dinâmica do social, dividimos a narrativa da controvérsia em fases. A partir dessas fases, desenhamos redes em que foi possível observar os movimentos de associação e dissociação que levaram à formação e à transformação de grupos.

Para que a formação de grupos se tornasse graficamente compreensível, foi utilizado o programa excel para entendimento dos atores com maiores vínculos. Esse conjunto de dados nos forneceu uma organização de forças de aproximação e repulsão, criando um movimento na rede, que enfim converge para um layout estável. O layout resultante depende da distribuição inicial da rede, e não pode ser compreendido como uma projeção cartesiana.

Posteriormente, utilizando-se o software Adobe Illustrator, produziu-se um diagrama que evidencia os movimentos de associações e dissociações mais relevantes para a conformação da controvérsia sobre a *Stock Car* e árvores. Esse diagrama foi inspirado no diagrama de tradução proposto por Latour (2014), onde há uma dimensão para a associação ou composição e outra para os desvios ou substituições. A elaboração desses dispositivos gráficos permitiu a visualização dos principais atores e dos partidarismos presentes na disputa, bem como das conexões do conhecimento científico nessa rede.

Ao longo da análise, procurou-se responder “o que os grupos querem?”, em uma tentativa de identificar os cosmos idealizados pelos grupos concorrentes. Ao tornar os cosmos dos grupos explícitos, a controvérsia pode ser performada de modo a impugnar a fantasia de que pessoas de bem decidiram em nome do interesse comum. A articulação dos dispositivos gráficos produzidos (com a ou sobre a) controvérsia da corrida será uma tentativa de responder a questões trazidas pela proposta cosmopolítica, pensando em formas de o debate prosseguir na presença daquilo que poderia permanecer, de outra forma, silenciado.

Cartografando as disputas emergentes da *Stock car* em Belo Horizonte

Na Teoria Ator-Rede não é possível antecipar “quem ou o quê” determina as ações, mas é possível listar algumas características que sempre marcam presença em argumentos contraditórios em relação a um acontecimento (Latour, 2012).

Primeiramente, para uma ação ser reconhecida, é necessário que existam evidências tangíveis, relatos ou informações que a validem, pois uma ação que permanece invisível e não tem impacto perceptível não pode ser considerada como efetiva.

A primeira ação a ser considerada no nosso relato é a supressão de 63 árvores autorizada pelo Conselho Municipal do Meio Ambiente (COMAM), da Prefeitura de Belo Horizonte, que apareceu nos vinte textos jornalísticos pesquisados, para viabilizar uma prova de Stock Car na cidade de Belo Horizonte. A ação foi destaque em todas os textos analisados e, a partir de então, outras ações se desdobraram, e outros atores, tanto humanos quanto não humanos, aparecem na tessitura dessa controvérsia.

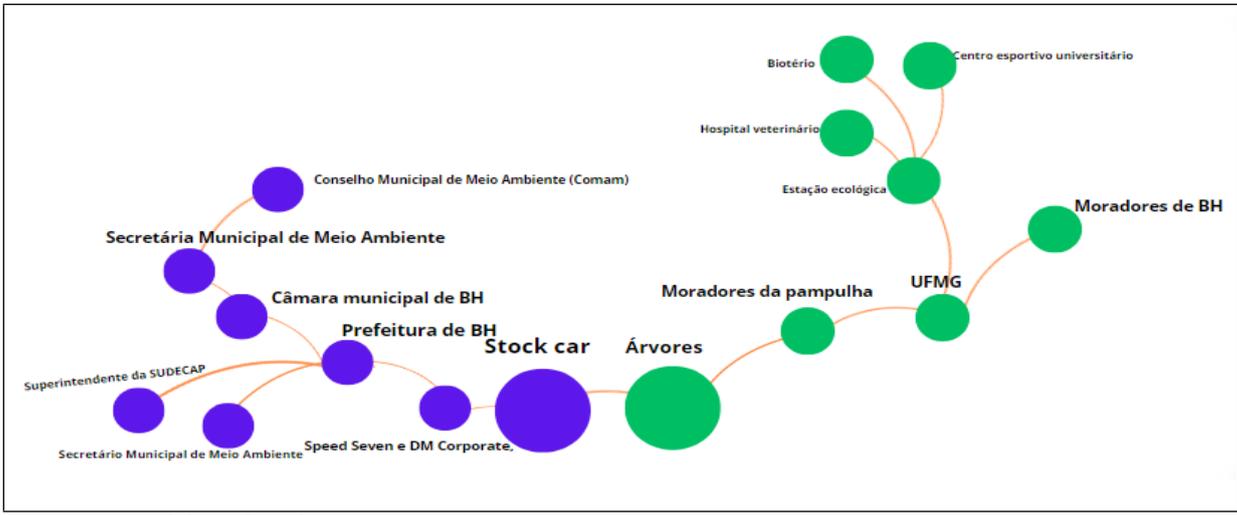
Na primeira fase da controvérsia, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a população local e ativistas se posicionaram, respectivamente, a respeito dos impactos negativos da ação por meio de uma nota à comunidade e de protestos com cartazes com dizeres “deixe nossas árvores em paz” e “fora *stock car*”. Além disso, uma audiência pública foi convocada para debater os principais impactos gerados pela realização do evento na capital mineira.

Para essas representações expostas, Latour (2012) destaca que há diferenças entre a ação

em si e sua representação. Segundo o autor, a maneira como uma ação é percebida e representada pode variar, podendo incluir imagens, narrativas ou formas de expressão, pois diferentes indivíduos ou grupos podem interpretá-la de maneiras distintas.

Na sequência, novos atores surgem e a controvérsia se amplia com argumentos favoráveis e contra a realização do evento no entorno do Mineirão, conforme representação do gráfico abaixo.

Gráfico 1 - Rede de controvérsias do caso stock car



Fonte: Elaborado pelas autoras.

O gráfico representa os atores favoráveis e contrários à proposta da realização do evento da *Stock Car* em Belo Horizonte, a partir dos desdobramentos após a supressão de algumas árvores no entorno do Mineirão.

Essas divergências de posicionamentos e a frequência com que os atores têm de criticar as ações de outros sob o rótulo de absurdas, falsas ou errôneas, Latour (2012) salienta que é reflexo das diferentes perspectivas e interpretações que os atores têm sobre as ações e esses relatos de ação. Com isso, são introduzidas novas entidades e as consideradas ilegítimas são descartadas, demonstrando as diferentes perspectivas de interpretações que os atores têm sobre as ações. Tendo em vista os diversos posicionamentos, serão apresentados os principais argumentos que sustentam o tema controverso.

De acordo com a Reitora da UFMG, Sandra Goulart, a realização do evento no entorno da Universidade acarretará impactos negativos nas atividades acadêmicas, de pesquisa e extensão da instituição.

“A instituição tem ciência de que os impactos do evento na UFMG serão enormes, afetando não apenas as unidades mais sensíveis, como a área hospitalar na qual se localiza o Hospital Veterinário, os biotérios de criação de animais, a Estação Ecológica e o Centro Esportivo Universitário, (...) além de aspectos relacionados a acesso, desconforto, impacto ambiental, bem-estar dos animais e deslocamento das pessoas (Goulart, 2024).

A Reitora também destaca que não há um diálogo aberto com a Prefeitura de Belo Horizonte e uma participação coletiva a fim de promover uma ação conjunta na busca de soluções compartilhadas pelos diversos agentes sociais, e solicita uma agenda com a administração pública para possível diálogo (Portal UAI, 2024).

Nesse momento, a Reitora se torna uma importante “porta-voz” da comunidade acadêmica e dos atores que consideram como negativos os impactos da realização do evento na Região da Pampulha.

Nessa direção, a população local destaca a preocupação com os possíveis impactos provocados pela realização de uma corrida desse porte, como os reflexos no trânsito e transtornos

com o barulho, e uma audiência pública da Comissão de Meio Ambiente, Defesa dos Animais e Política Urbana é marcada para possíveis esclarecimentos de dúvidas (CMBH, 2024).

Observa-se que a população local conjectura possíveis impactos negativos relacionados à ação controversa mesmo sem ter sido consultada e sem ter acessado os estudos ambientais que antecederam o corte das árvores.

Essa constatação vai ao encontro da importância destacada por Latour (2012) de reconhecer a capacidade dos atores sociais de desenvolver suas próprias teorias e interpretações das ações, sem a suposta presunção de que eles possuem uma compreensão limitada das ações em questão.

Em contraposição aos atores que se manifestaram contra a organização do evento na Região da Pampulha, destaca-se, na rede de controvérsias, as empresas organizadoras do evento automobilístico, *Speed Seven* e *DM Corporate*, e a Prefeitura de Belo Horizonte.

O argumento dos organizadores da *Stock Car* está no comprometimento com a sustentabilidade e o desenvolvimento econômico e social da cidade com o plantio 500 novas árvores e manutenção das mesmas por cinco anos como medida compensatória das remoções (SOUBH, 2024).

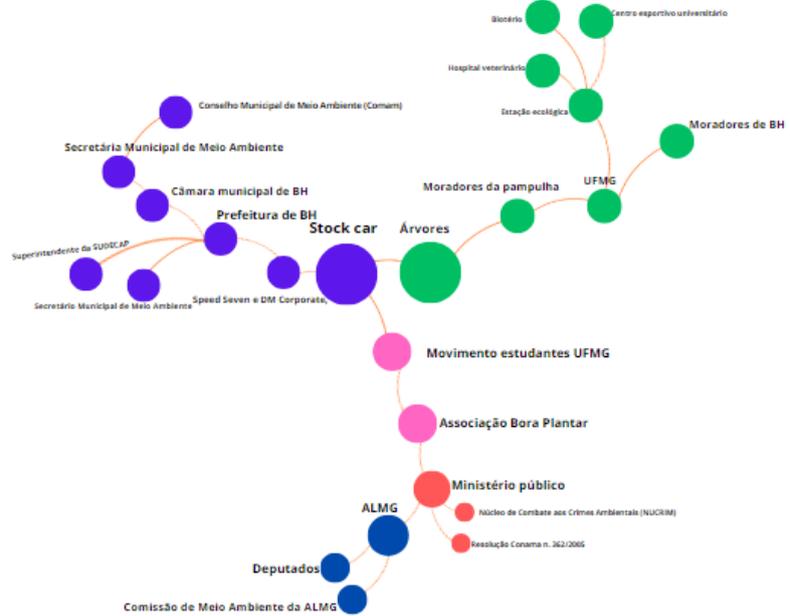
A Prefeitura de Belo Horizonte se apresenta como uma importante aliada dos organizadores do evento, pois tem posicionamentos favoráveis sob a alegação de que todos os trâmites legais de licenciamento ambiental foram realizados e que as medidas compensatórias serão implementadas.

Reiterando o argumento, o porta-voz da administração municipal, o superintendente da Superintendência de Desenvolvimento da Capital (SUDECAP), ressaltou que a retirada das árvores é necessária para garantir a segurança dos pilotos e da população e destacou que todas as medidas estão sendo tomadas com base em análises técnicas criteriosas, visando não somente à segurança, mas também têm o propósito de movimentar restaurantes, hotéis, bares e trazer mais visibilidade para a capital (JORNAL O TEMPO, 2024).

A partir dessa ação, novos oponentes surgem para contrapor os argumentos da PBH. Dois vereadores da CMBH entraram com uma ação popular com base no Plano Diretor de BH, que define a Pampulha como área de grandes empreendimentos comunitários, não uma área para empreendimentos econômicos, como é a *Stock Car*. O plano também alega que “qualquer modificação na região deve observar o envolvimento popular para validação da proposta” (JORNAL HOJE EM DIA, 2024).

Nota-se que, no mapeamento dessa controvérsia, novos oponentes surgem e outras entidades são arremetidas na rede, conforme exposto no gráfico abaixo.

Gráfico 2 - Formação de grupos do caso da *stock-car*



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nessa terceira fase, novos grupos são formados no entorno da controvérsia. De acordo com Latour (2012), existem inúmeras formações de grupos e alistamentos em grupo contraditórios.

A Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) promoveu uma audiência pública para discutir os impactos socioambientais da realização de uma etapa do Campeonato Brasileiro de Stock Car em Belo Horizonte. A audiência foi solicitada pela deputada Beatriz Cerqueira (PT) e teve como foco os danos causados pela supressão vegetal e pela proximidade dos laboratórios de pesquisa biológica e do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), devido aos altos níveis de ruído gerados pelo evento, que ultrapassam 100 decibéis. A deputada criticou a falta de respeito à natureza e aos animais em nome do lucro das empresas privadas, fazendo um paralelo com situações semelhantes em licenciamentos de mineração que contam com a convivência do poder público (ALMG, 2024).

A maioria dos participantes até aprovaram a realização do evento, mas reivindicaram a mudança de local para fora dos arredores da Lagoa da Pampulha e sugeriram a Linha Verde, que se situa nas proximidades da Cidade Administrativa.

Um dos porta-vozes do grupo favorável à realização do evento na Pampulha, o CEO da empresa *Speed Seven*, Sérgio Santos Sette Câmara, responsável pela promoção da Stock Car em BH, também estava presente. Para Sérgio, a justificativa da escolha do Mineirão e sua área circundante é de que a decisão foi baseada em estudos de engenharia que previram a implementação de medidas para reduzir os impactos, não havendo outro local em Belo Horizonte que atenda às exigências técnicas da *Stock Car*, promovendo assim sustentabilidade, inclusão, segurança para o evento, além de benefícios econômicos (ALMG, 2024). Segundo a PBH, o evento movimentará na cidade 200 milhões de reais no ano de 2024 (R7 MG RECORD, 2024).

Entre os aliados favoráveis à realização do evento estavam o presidente da Comissão de Meio Ambiente, Defesa dos Animais e Política Urbana da Câmara Municipal, vereador Ciro Pereira (PRD), e o Chefe da Superintendência de Desenvolvimento da Capital (Sudcap) e representante da Prefeitura na audiência, Henrique Castilho, que se posicionaram favoráveis ao evento alegando que todas as medidas relacionadas à diminuição dos impactos estão sendo tomadas.

A organização do evento já planeja medidas para mitigar o impacto sonoro do evento, com a instalação de barreiras acústicas no circuito, principalmente próximo à UFMG. O desenvolvimento econômico e social da cidade também são prioridades e, por isso, diversas ações serão implementadas, como a neutralização de carbono por meio do plantio de árvores e o incentivo ao uso do transporte público, para reduzir o trânsito de veículos e as emissões de gases poluentes” (Hoje em Dia, 2024).

Em consonância com a Deputada Beatriz Cerqueira, os vereadores Sérgio Fernando Pinho Tavares (PL) e Bruno Pedralva (PT) e o deputado federal Rogério Correia (PT) também se posicionaram contra a realização do evento na Pampulha. Entre os argumentos prevaleceram a contaminação da Lagoa da Pampulha, a extração das árvores e o prejuízo à UFMG (JORNAL O TEMPO, 2024) (HOJE EM DIA, 2024).

Nesse íterim, uma outra controvérsia surge entre um grupo de ambientalistas, estudantes da UFMG e o secretário de Meio Ambiente, José Reis. Segundo o grupo de ambientalistas e o movimento estudantil, as obras para a Stock Car categorizam um “empreendimento” e que seria preciso um outro tipo de permissão e licitação. O secretário rebate sob a alegação de que o evento se enquadra dentro da Lei de Eventos de Belo Horizonte por não promover mudanças permanentes na região.

“Nós temos, em Belo Horizonte, uma lei específica, que é a Lei de Eventos. O evento por si só - o nome já é evento, um evento esporádico - não caracteriza por empreendimento. Se fosse um autódromo, um empreendimento fixo, ad aeternum, era um outro procedimento, uma outra forma de licenciamento. Por ser evento específico, em x data e x horas de acontecer,

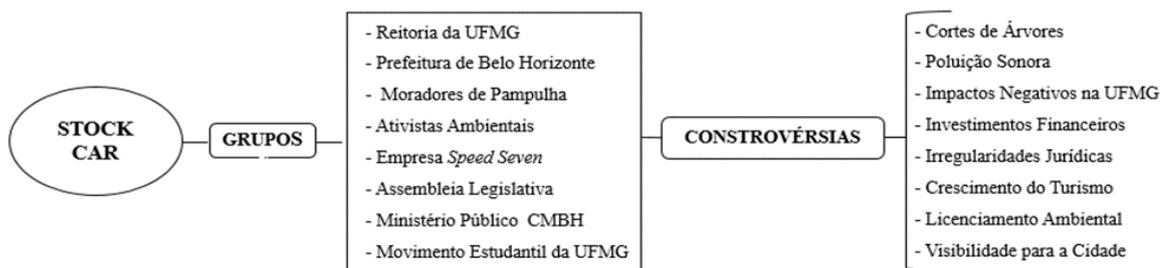
ele é um sistema simplificado e absorvido pela Lei de Eventos da lei municipal. Por isso, o processo ambiente está atendido” (G1 MINAS, 2024).

O último grupo a ser formado, no recorte temporal estabelecido neste artigo, foram as ações de acompanhamento do Ministério Público de Minas Gerais, em especial do Núcleo de Combate aos Crimes Ambientais, para verificar e inspecionar no local o corte de árvores para a realização da prova, após receber uma denúncia (CBN BELO HORIZONTE, 2024).

Nas reportagens é possível identificar que novos porta-vozes começam a falar pela existência de novos grupos. Isso ocorre porque os grupos são dinâmicos e estão em constante mudança. Não são entidades estáticas, mas sim construções complicadas formadas por uma interação contínua de vozes e perspectivas divergentes sobre o que constitui um grupo e quem faz parte dele (Latour, 2012, p. 55).

Dada a descrição dinâmica dos processos de formação e manutenção dos grupos, podemos identificar algumas principais controvérsias que foram listadas nas reportagens analisadas neste artigo, a partir do esquema abaixo.

Imagem 1 - Principais controvérsias identificadas nas reportagens



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Diversos atores (humanos e não humanos) deixam seus rastros por meio de pistas deixadas pelas atividades na formação e dissolução dos grupos, sendo possível mapear as controvérsias que permeiam a construção desses grupos.

Observa-se que diante de uma disputa vários grupos são formados e estão sempre em atividade, justificando sua existência, invocando normas e precedentes e, ao mesmo tempo, confrontando diferentes definições e evidenciando muitas controvérsias.

Além disso, a formação de um grupo é acompanhada pela busca por características que fortaleçam suas fronteiras e o diferenciem de grupos adversários que representam uma ameaça à sua coesão e identidade (Latour, 2012). No caso do *stock car*, apresentam-se grupos contra e a favor do evento.

Ao explorar as dinâmicas dos grupos formados em torno da controvérsia do *stock car*, percebemos que eles não são entidades estáticas, mas, sim, resultado de um constante embate entre diferentes vozes e visões sobre sua identidade e pertencimento. Cada grupo é uma construção provisória, moldada por inúmeras narrativas contraditórias que disputam sua definição e significado.

Considerações finais

A análise das controvérsias em torno da prova de Stock Car em Belo Horizonte, especialmente a questão da supressão de árvores, revelou a dinâmica das interações entre os diversos atores envolvidos. Os argumentos apresentados que, num primeiro momento, pareciam restritos aos cuidados com flora e fauna local, foram sendo ampliados para as dimensões de segurança, economia, patrimônio e envolvendo diversos atores e interesses que, muitas vezes, mesmo em

posições opostas na disputa, argumentam preocupações semelhantes, o que fez o debate extrapolar o campo da administração municipal e seus poderes reguladores e serem convocados Ministério Público e legisladores estaduais.

A resistência da Universidade Federal de Minas Gerais, da população local e dos ativistas evidencia a importância do engajamento da sociedade civil na discussão e tomada de decisões sobre eventos que impactam o meio ambiente e a comunidade. A necessidade de uma democracia participativa, onde os cidadãos tenham voz ativa e possam questionar as ações dos governos, é ressaltada como um caminho para a construção de um mundo comum mais justo e sustentável. A controvérsia em torno da prova de *Stock Car* em Belo Horizonte destaca a importância de considerar as múltiplas visões e impactos envolvidos em eventos desse tipo, visando à busca por soluções que equilibrem os interesses das partes envolvidas e promovam o bem-estar coletivo.

Referências

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS (ALMG). **Impactos ambientais de etapa da Stock Car em BH serão debatidos**: Comissão de Meio Ambiente da ALMG realiza, nesta quinta (29), audiência sobre evento previsto para acontecer em agosto, no entorno do Mineirão. 2024. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/comunicacao/noticias/arquivos/Impactos-ambientais-de-etapa-da-Stock-Car-em-BH-serao-debatidos> . Acesso em: 10 mar. de 2024.

BHAZ. **UFMG se posiciona contra realização da Stock Car na Pampulha**. 2024. Disponível em: https://bhaz.com.br/noticias/ufmg-posicionamento-stock-car/#google_vignette . Acesso em: 14 mar. de 2024.

CÂMARA MUNICIPAL DE BH. **Impactos da Stock Car no entorno do Mineirão em debate na próxima segunda**: Além de reflexos no trânsito e transtornos com barulho, população estaria preocupada com a supressão de 160 árvores. 2024. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/comunica%C3%A7%C3%A3o/not%C3%ADcias/2024/02/impactos-da-stock-car-no-entorno-do-mineir%C3%A3o-em-debate-na-pr%C3%B3xima#:~:text=Quais...> . Acesso em 14 março. 2024.

CBN BELO HORIZONTE. **MPMG vai acompanhar obras para Stock Car em BH; 63 árvores serão derrubadas**: A prefeitura afirma que a compensação das plantas será feita até o dia do evento, em agosto. A ação vem gerando reclamações de ambientalistas e de moradores do entorno do Mineirão. 2024. Disponível em: <https://cbn.globo.com/belo-horizonte/noticia/2024/02/28/mpmg-vai-acompanhar-os-obras-para-stock-car-em-bh-63-arvores-serao-derrubadas.ghtml> . Acesso em 14 março. 2024.

ESTADO DE MINAS. **UFMG quer dialogar com a Prefeitura sobre Stock Car em BH**: Reitora da UFMG quer uma agenda com a Prefeitura de Belo Horizonte para discutir os impactos do evento, uma vez que não teriam sido consultados. 2024. Disponível em: https://www.em.com.br/gerais/2024/02/6809671-ufmg-quer-dialogar-com-a-prefeitura-sobre-stock-car-em-bh.html#google_vignette . Acesso em 14 março. 2024.

ESTADO DE MINAS. **Prefeitura inicia corte de árvores no entorno do Mineirão para a Stock Car**: PBH esclarece que serão cortadas 55 espécimes no entorno do Mineirão, mas 668 novos plantios serão feitos pelos organizadores da corrida. 2024. Disponível em: <https://www.em.com.br/gerais/2024/02/6810410-prefeitura-inicia-corte-de-arvores-no-entorno-do-mineirao-para-a-stock-car.html#:~:text=A> . Acesso em 14 março. 2024.

G1 MINAS. **Conselho de Meio Ambiente aprova supressão de árvores para realização de etapa da Stock Car em BH**: Em dezembro, prefeitura fechou um acordo com a empresa organizadora da competição para que Belo Horizonte receba, por cinco anos consecutivos, uma edição anual da corrida. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/02/23/meio->

[ambiente-aprova-supressao-de-arvores-para-realizacao-da-stock-car-em-bh.shtml](#) . Acesso em 14 março. 2024.

HOJE EM DIA. **Stock Car: BH promete início do plantio de quase 700 árvores a partir de 6ª feira:** Nesta quarta começou a poda no entorno do Mineirão, onde ocorrerá o evento de automobilismo. 2024. Disponível em: <https://www. hojeemdia.com.br/minas/stock-car-bh-promete-inicio-do-plantio-de-quase-700-arvores-a-partir-de-6-feira-1.1002515> . Acesso em 14 março. 2024.

HOJE EM DIA. **Ação Popular quer proibir Stock Car no entorno do Mineirão.**2024. Disponível em: <https://www. hojeemdia.com.br/minas/ac-o-popular-quer-proibir-stock-car-no-entorno-do-mineir-o-1.1002686> . Acesso em 14 março. 2024.

HOJE EM DIA. **Audiência Pública:** Deputados debatem impactos socioambientais da Stock Car em BH . 2024. Disponível em: <https://www. hojeemdia.com.br/esportes/ao-vivo-deputados-debatem-impactos-socioambientais-da-stock-car-em-bh-1.1002654> . Acesso em 14 março. 2024.

HOJE EM DIA. **Audiência pública termina com proposta de mudança de endereço da Stock Car em BH:** Evento previsto para agosto gera polêmica devido a eventuais impactos no meio ambiente na região da Pampulha. 2024. Disponível em: <https://www. hojeemdia.com.br/esportes/audiencia-publica-termina-com-proposta-de-mudanca-de-endereco-da-stock-car-em-bh-1.1002180> . Acesso em 14 março. 2024.

ITATIAIA. **Stock Car em BH: Prefeitura começará a plantar novas árvores nesta sexta (10):** Segundo PBH, o corte das árvores é necessário por questões de segurança para realização da prova; plantio de 808 árvores será feito como compensação dos cortes. 2024. Disponível em: <https://www. itatiaia.com.br/politica/2024/02/28/stock-car-em-bh-prefeitura-comecara-a-plantar-novas-arvores-nesta-sexta-1> . Acesso em 14 março. 2024.

LAW, J. **What's Wrong with a One-World World.** Center for the Humanities, Wesleyan University, Middletown, Connecticut: 2011.

LATOUR, B. **Reagregando o Social. Uma introdução à teoria ator-rede.** Salvador/Bauru: EDUFBA/EDUSC, 2012.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos.** Rio de Janeiro: Editora 34/ Coleção TRANS. 1994.

LATOUR, B. (2020). **Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno (1a ed.).** Rio de Janeiro, RJ: Bazar do Tempo. e-ISBN 978-65-86719-20-8.

LATOUR, B. (2021). **Onde Estou? Lições do confinamento para uso dos terrestres (1a ed.).** Rio de Janeiro, RJ: Bazar do Tempo. ISBN 978-65-86719-68-0

LATOUR, B. **Políticas da Natureza:** como fazer ciência na democracia. Bauru: EdUSC, 2004, 412p.

LEMOS, A. **A comunicação das coisas:** teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 310 p., 2013.

MARINI, Marisol; BAILÃO, André S. 2023. **“Bruno Latour”**. In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/autor/bruno-latour>.

MOL, A. Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas. In: NUNES, J. Arriscado, ROQUE, R. **Objectos impuros:** experiências em estudos sociais da ciência. Edições Afrontamento: Porto, 2008.

O TEMPO. **PBH promete plantio de 688 árvores até agosto após cortes para a Stock Car:** Protestos foram feitos na tarde desta quarta-feira (28 de fevereiro) contra ação da prefeitura. 2024. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/pbh-promete-plantio-de-688-arvores-ate-agosto-apos-cortes-para-a-stock-car-1.3339594> . Acesso em 14 março. 2024.

O TEMPO. **UFMG e políticos aprovam Stock Car em BH, mas longe da Lagoa da Pampulha:** A preocupação é com impacto ambiental da corrida, marcada para agosto deste ano. Uma audiência pública discutiu a questão nesta segunda-feira (26). 2024. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/ufmg-e-politicos-aprovam-stock-car-em-bh-mas-longe-da-lagoa-da-pampulha-1.3337951> . Acesso em 14 março. 2024.

O TEMPO. **‘Sem acordo, vamos acionar a Justiça’, diz reitora da UFMG sobre Stock Car em BH:** A reitora Sandra Regina Goulart foi intimada por comissão ligada ao Ministério de Ciência e Tecnologia, a solucionar o problema dos impactos nos animais. 2024. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/sem-acordo-vamos-acionar-a-justica-diz-reitora-da-ufmg-sobre-stock-car-em-bh-1.3340015> . Acesso em 14 março. 2024.

OLIVEIRA, G.R; COUTINHO, F.A . Engajamento Cosmotécnico: A Intrusão Do Cuidado Nas Relações Ciência, Tecnologia E Sociedade. **PISTA: Periódico Interdisciplinar [Sociedade Tecnologia Ambiente]**, [s. l.], v. 5, ed. 1, p. 62-76, 2023. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pista/article/view/30908/20897> . Acesso em: 3 maio 2024.

PEREIRA, D.; BOECHAT, M. Apenas siga as mediações: desafios da Cartografia de Controvérsias entre a Teoria Ator-Rede e as mídias digitais. **Contemporânea - Comunicação e Cultura**, Salvador, UFBA, v.12, n.03, p.556-575, set/dez 2014.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. (2023). **PBH assina Termo de Apoio para realização de etapa da Stock Car na cidade.** Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/pbh-assina-termo-de-apoio-para-realizacao-de-etapa-da-stock-car-na-cidade> . Acesso em 02 agosto. 2024.

R7 MG RECORD. **Ativistas usam troncos e motosserra em protesto contra corte de árvores para realização da Stock Car em BH:** Manifestação ocorreu durante todo o dia, em frente à sede da prefeitura, na região central da cidade. 2024. Disponível em: <https://noticias.r7.com/minas-gerais/mg-record/videos/ativistas-usam-troncos-e-motosserra-em-protesto-contracorte-de-arvores-para-realizacao-da-stock-car-em-bh-28022024> . Acesso em 14 março. 2024.

R7 MG RECORD. **Impactos causados por corrida de Stock Car** são discutidos na Câmara Municipal de BH: Preparação para o evento inclui série de alterações, como a derrubada de árvores e eliminação de travessia de pedestres. 2024. Disponível em: <https://noticias.r7.com/minas-gerais/mg-record/videos/impactos-causados-por-corrida-de-stock-car-sao-discutidos-na-camara-municipal-de-bh-27022024> . Acesso em 14 março. 2024.

SOU BH. **Stock Car em BH: supressão de 63 árvores no entorno do Mineirão é aprovada:** Medida gera debate sobre impactos ambientais e compensações na Pampulha. 2024. Disponível em: <https://soubh.uai.com.br/noticias/variedades/stock-car-em-bh-supressao-de-63-arvores-no-entorno-do-mineirao-e-aprovada> . Acesso em 14 março. 2024.

STENGERS, I. The Cosmopolitical Proposal. In: LATOUR, B. e WEIBEL, P. (Org.), **Making Things Public**. Mit Press, 2005. p. 994-1003.

UFMG. **Pampulha é local inadequado para a Stock Car.** 2024. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/pampulha-e-local-inadequado-para-a-stock-car-avalia-ufmg> . Acesso em 14 março. 2024.

VENTURINI, T. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. **Public understanding of science**, 19(3), 258-273, 2010.

Recebido em 20 de Agosto 2024.

Aceito em 23 de setembro 2024.